

A REPRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS LGBT'S DE PERIFERIA SOCIAL NOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO DE REFERÊNCIA DE BELO HORIZONTE: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO E DISCURSIVA

Aleone Rodrigues Higidio

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) – aleonerodrigues@gmail.com

Resumo

Este trabalho pretende abordar algumas questões relativas à forma como o jornalismo constrói narrativas discursivas sobre os sujeitos LGBT's¹ de periferia. Isso parte não apenas da necessidade de pensar como as questões de gênero e sexualidade estão sendo debatidas pelo jornalismo, mas, principalmente, porque são essas narrativas que fazem com que o debate sobre homofobia seja instaurado. Nesse contexto, apresento a minha pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Nela, tenho como objeto de análise as narrativas jornalísticas sobre a temática LGBT veiculadas nos principais veículos de comunicação de Belo Horizonte – MG entre 2014 e 2015. Para isso, parto da reflexão sobre a relevância que o jornalismo tem na hora de consolidar as identidades LGBTs ao assumir o papel de educador na transmissão de valores e símbolos de uma comunidade estigmatizada. Ressalto como parte dos resultados da discussão apresentada neste artigo a potência que a narrativa jornalística tem ao vocalizar as formas de visibilidade, apontando as violências discriminatórias em seus discursos e promovendo o respeito às diferenças, colaborando assim com uma agenda de direitos humanos e manifestações culturais LGBTs. Trago como aportes teóricos considerações sobre gênero, teoria da construção social da sexualidade, pesquisas sobre comunicação e homofobia e questões sobre análise de discurso de corrente francesa.

Palavras-chave: jornalismo; LGBT; análise do discurso; narrativas; gênero.

¹ Ao longo deste trabalho, a sigla LGBT será usada para se referir às pessoas que se identificam como lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

Introdução

Esta pesquisa parte de uma investigação iniciada na construção do meu trabalho de conclusão de curso de jornalismo na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), defendido em fevereiro de 2017, que abordou a representação midiática de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) de periferia da cidade de Mariana, interior do estado de Minas Gerais. Investiguei tais questões sobre a representação do outro, tendo a linguagem documental como referência, onde produzi o filme “LGBT de periferia: Resistência, luta e empoderamento”. Para essa investigação, parti da ideia de que, por mais fidedigno que eu tentasse, não existiriam métodos ou técnicas que pudessem garantir um acesso privilegiado ao real (DA-RIN, 2004). Mas, sabendo disso, busquei, nessa experimentação audiovisual, representar LGBTs de periferia, tendo o entendimento de que apenas representá-los no vídeo não seria suficiente e, sim, a importância de se refletir criticamente sobre como essa representação aconteceria.

Para essa discussão inicial a respeito do documentário e para o que está sendo proposto neste trabalho, foi necessário mergulhar em alguns estudos que buscavam dialogar com a ideia de que as sexualidades humanas poderiam ser entendidas como um processo de construção social, ou seja, constituídas em permanente diálogo com os aspectos culturais, sociais e históricos de um determinado lugar. Sendo assim, entenderíamos a sexualidade a partir de uma visão menos essencialista e mais construtivista, muito discutida pelo antropólogo Richard Parker, em seu ensaio “Cultura, economia política e construção social da sexualidade”.

a teoria da construção social, com base num conjunto diversificado de pesquisas, sustenta o argumento de que a sexualidade é construída de forma diferente através das culturas e do tempo. Carole Vance contrasta essa teoria com o modelo da "influência cultural", no qual a sexualidade é conceptualizada como um estado universal, imutável, mediado em maior ou menor extensão pelo contexto cultural (PARKER, 2010, p.128).

Esse olhar do ponto de vista antropológico nos ajuda também a entender como a construção dos saberes a respeito das sexualidades vem sendo debatido nas últimas décadas. Por isso, é importante destacar que, desde 1980, na antropologia social e cultural, e em outras disciplinas das ciências sociais, houve um aumento significativo na pesquisa e no interesse acadêmico em relação a essa temática. Segundo Parker (2010), isso ocorreu devido a um contexto amplo de mudança nas normas sociais, além da influência específica de movimentos políticos feministas, gays e lésbicos. Ele também destaca como causa desse interesse acerca de pesquisas envolvendo sexualidades, o

impacto da emergente pandemia do HIV/ AIDS e a preocupação crescente com as dimensões culturais da saúde reprodutiva e sexual. Por fim, Parker (2010) considera que esses fatores, considerados em conjunto, “se combinaram para estimular um dos campos mais inovadores e criativos da pesquisa antropológica contemporânea e propiciar importantes oportunidades e desafios para a pesquisa interdisciplinar e comparativa sobre a sexualidade” (PARKER, 2010, p.127).

Atualmente, como pesquisa - realizada junto ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) -, trabalho a necessidade de levar tal discussão sobre as sexualidades e gêneros, apontando rupturas e permanências, para a forma como o jornalismo constrói narrativas discursivas sobre os sujeitos LGBT's de periferia. Isso parte não apenas da necessidade de pensar como essas temáticas estão sendo debatidas pelo jornalismo, mas, principalmente, porque são essas narrativas que fazem com que o debate sobre homolebotransfobia seja instaurado. Além disso, pressupõe-se que são, a partir delas, criadas políticas públicas de enfrentamento a esse tipo de violência. Portanto, é necessário problematizar a compreensão que se faz, hoje, no jornalismo sobre a ideia de sexualidades e gêneros como um constructo sociocultural, que se transforma a partir de um contexto cultural, histórico e político.

O papel do jornalismo no debate sobre a LGBTfobia²

Para Leal & Carvalho (2009) existe uma discussão sobre o tratamento de situações homofóbicas - e acrescento também as transfóbicas, que atingem travestis e transexuais - dado pela “mídia referência” brasileira, que pode passar pela estrutura organizacional e a disponibilidade de espaço ou tempo da rede noticiosa. Nas suas investigações, os autores discutem o termo “homofobia psicológica”, que envolve náuseas causadas por basear-se em um conhecimento do homossexual ou da homossexualidade e, também, o termo “homofobia cognitiva”, que seria o ato de reduzir as pessoas LGBT's a caricaturas e figuras grotescas. De um modo geral, nesse contexto, como seu significado mais contemporâneo, a homofobia faz uma associação direta com a homossexualidade, designando ódio ou repulsa aos homossexuais e, assim como o racismo, sexismo ou xenofobia, a “homofobia” se filia a esses termos usados para representar as formas de discriminação. Neste caso,

² Entendemos neste trabalho a LGBTfobia como qualquer tipo de discriminação - seja ela exercida de forma simbólica, institucional, física ou psicológica e outras – contra pessoas lésbicas, bissexuais, gays, transgêneros, pela condição de uma orientação sexual e/ou identidade de gênero divergente da norma inscrita culturalmente como padrão.

esse tipo de discriminação ocorre devido ao sujeito não seguir algumas normas sociais que regem as sexualidades.

a norma sexual ocidental define que há, na natureza do ser humano, dois sexos, ao mesmo tempo origem e destino dos indivíduos. Sendo assim, organiza toda a lógica de gênero e os modos de construção dos corpos, orientados para a expressão dessa diferença fundamental. Com isso, toda sexualidade e todo ato sexual justificam-se no encontro desses dois corpos e na reprodução da espécie. Qualquer prática sexual não reprodutiva é certamente um desvio, da mesma forma que qualquer elaboração dos corpos que desnaturalize ou torne ambíguas as construções de gênero e ponha em questão, por fim, a pretensa naturalidade da dicotomia homem/mulher (LEAL & CARVALHO, 2009, p.5).

Portanto, não se pode negar que a homofobia brasileira traz desafios aos modos de dizer do jornalismo, visto que a grande imprensa ainda passa por tensões que marcam as construções de gênero e sexualidade no Brasil. Essas tensões fazem parte de disputas de sentidos em que diversos atores sociais (religiões, instâncias de defesa dos direitos humanos e comunidade LGBT, partidos políticos, dentre outros) buscam imprimir às informações jornalísticas referentes às questões que envolvem a sexualidade. Por isso é tão importante apresentar discussões iniciais criando condições para que as relações entre jornalismo, mídia e homofobia sejam mais bem apreendidas. Isso se dá a partir da compreensão da vida sexual, focando naquilo que contribui para ações discursivas que envolvam homofobia, em seguida deve-se observar tal processo jornalístico que compreende a construção das realidades (LEAL & CARVALHO, 2009).

cada jornal não só define o que deve ou não ser notícia, estabelecendo uma hierarquia dos acontecimentos, como organiza e dispõe nexos entre fatos e os seus agentes e pacientes, legitimando saberes e discursos. Assim, a complexidade das relações entre jornalismo e homofobia diz tanto da normatividade da vida sexual na sociedade brasileira, quanto das disputas aí presentes e, além disso, da própria ação dos jornais, em sua especificidade (LEAL & CARVALHO, 2009, p.2-3).

É nesse contexto que investigo em meu mestrado acadêmico a forma como lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais de periferia social são representados nas narrativas jornalísticas dos principais veículos de comunicação de Belo Horizonte – MG, tendo como recorte temporal, os anos de 2014 e 2015. Para tal análise, foram escolhidos alguns produtos jornalísticos de referência da capital, sendo eles: Jornal Estado de Minas, que traz aspectos do jornalismo impresso; com as contribuições do jornalismo televisivo e as suas nuances, o programa Balanço Geral, da Rede Record de Televisão; e, por fim, para efeito de comparação com o Balanço Geral, seleciono o telejornal MGTV 1ª edição, da Rede Globo.

A necessidade de se investigar como esses produtos trazem narrativas jornalísticas envolvendo LGBTs de periferia parte de um questionamento feito sobre uma pesquisa realizada com os frequentadores da Parada Gay de Belo Horizonte, em 2006, sob a coordenação do professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, Marco Aurélio Máximo Prado. Nela, foi constatado que 43% dos frequentadores “confiavam pouco” na imprensa. A pesquisa revelou também que cerca de 19% das pessoas indicaram que confiavam muito na imprensa. Esse índice foi significativamente maior que os da Justiça (8,9%), Congresso Nacional (6,6%) e da Polícia (4,6%) (LEAL & CARVALHO, 2009).

Esses dados apontam uma ambiguidade na percepção do papel da imprensa. Para os autores, a credibilidade da imprensa viria através do jornalismo, que deveria desempenhar um bom papel na cobertura dos casos de homofobia. O jornalismo contribuiria para dar visibilidade para denúncias de violência, reivindicações de direitos e também para a cultura LGBT (LEAL & CARVALHO, 2009). A partir dessa relevância que o jornalismo tem na hora de consolidar as identidades LGBTs, assumindo o papel de educador, ao transmitir valores e símbolos de uma comunidade - já estigmatizada -, e vocalizando as formas de visibilidade, é importante dizer que ele é agente dessa promoção do respeito às diferenças e agenda de direitos humanos e manifestações culturais LGBTs. Mas, para isso de fato ser efetivo, é necessário investigar como essa representação se constitui.

Caminhos metodológicos iniciais e atravessamentos da pesquisa

Como metodologia de trabalho, tenho buscado recuperar, inicialmente, o acervo do meu objeto de pesquisa. Além disso, atualmente, investigo o estado da arte das pesquisas em comunicação - e em outros campos do conhecimento -, que tratam da temática LGBT. A ideia é que, a partir da recuperação do material a ser analisado, seja necessário filtrar as narrativas cujos assuntos sejam relacionados às questões LGBTs.

Em seguida, pretendo fazer uma análise dos discursos jornalísticos, partindo de uma corrente de estudos de linha francesa, tendo como o autor principal o francês Patrick Charaudeau. A amostragem inicial deve ser, no mínimo, uma reportagem publicada por cada veículo de imprensa nos anos a serem investigados.

Além disso, a ideia é pontuar, com base em estudos sobre gênero e sexualidade, as formas inadequadas do uso de termos e a produção de sentido que esse discurso traz, uma vez a mídia tem esse lugar de estabelecimento de formas interativas e de (re)interpretação de experiências. Além de

ser um espaço de criação e partilhamento de representações, de vinculação, de formação de elos, de instrumentação e de junção (VAZ, 2006).

A expectativa é que, já neste primeiro ano de investigação do mestrado, eu consiga coletar todo o material a ser analisado e estabeleça um esboço dos eixos centrais de discussão teórico-conceituais por onde a dissertação deve caminhar.

Alguns resultados e discussões preliminares

A partir do levantamento inicial do estado da arte das pesquisas relacionadas às questões LGBT's, especialmente, no campo da comunicação, é perceptível uma carência de estudos que analisam a forma como o jornalismo tem abordado essa temática. Entretanto, é notadamente expressivo o número de pesquisas do campo da antropologia social, educação, saúde, sobre as questões da sexualidade e gênero.

É importante destacar que a imprensa tem um papel importantíssimo, porque é a partir de discussões responsáveis na mídia sobre gêneros e sexualidades, divergentes da norma dita como "padrão", que podem culminar políticas públicas para esse grupo social tão invisibilizado pela sociedade.

Vale ressaltar, também, que, seja mídia impressa ou televisiva, é preciso investigar, de forma qualitativa e não apenas quantitativa, em quais momentos as pautas sobre questões LGBTs envolvendo sujeitos de periferia compuseram discursos jornalísticos. Isso também se faz necessário, uma vez que são essas narrativas que consolidam a construção da identidade do sujeito LGBT de periferia.

Considerações finais

É necessário reconhecer e identificar as questões sociais imbuídas nas narrativas jornalísticas, uma vez que as vidas dos sujeitos LGBTs, principalmente os de periferia - e aqui pressupõe-se - que enfrentam uma dificuldade na relação com o mercado de trabalho, a exclusão no âmbito religioso, já que há pouca aceitação de uma orientação sexual e identidade de gênero discordantes da hetenormatividade, que seria a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou - mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto - para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida. Gays e lésbicas normalizados,

que aderem a um padrão heterossexual, também podem ser agentes da heteronormatividade (MISKOLCI, 2012, p.15).

Outra questão pertinente que investigo – e que tenho feito nesse processo inicial da pesquisa - é a forma como a prática jornalística nos objetos escolhidos trabalha a ideia de gênero, tão relevante para as discussões que tratam de transgêneros, pois a forma como a mídia trata essa questão é tão determinante para reforçar e legitimar discursos transfóbicos.

Portanto, é importante pensar que, o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consciente nos contextos históricos. Além disso, ele estabelece interseções políticas e culturais, com modalidades “raciais, classicistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas” (BUTLER, 2003, p.20).

Butler (2003) afirma que o gênero não deveria ser concebido como uma inscrição cultural de significado num sexo previamente dado. Ele teria de designar também o aparato de produção onde os próprios sexos são estabelecidos: “o gênero [...] também é o meio discursivo/cultural pelo qual "a natureza sexuada" ou "um sexo natural" é produzido e estabelecido como "pré discursivo", anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura" (BUTLER, 2003, p.25).

Por fim, é preciso, cada vez mais, investigar e mapear nos discursos jornalísticos, além da LGBTfobia, como os sujeitos LGBTs de periferia pertencentes a grupos oprimidos como pobres, negros, estão sendo representados na mídia referência. A partir disso, pretendo, não somente agregar novas perspectivas antropológicas e sociais e outras discussões teóricas à minha pesquisa, como também colaborar para o fortalecimento de um campo de pesquisa em comunicação, especificamente, na área do jornalismo, que ainda é tão carente de análises como a que venho desenvolvendo em meu mestrado.

Reforço a necessidade - cada vez mais atual - de investigações interdisciplinares das mais diversas áreas sobre a construção das sexualidades, que estejam comprometidas em superar as injustiças sociais, frutos de contextos políticos, econômicos históricos culturais que sempre relegaram às sexualidades e gêneros divergentes de uma norma o lugar marginal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

DA-RIN, Silvio. **Espelho partido: tradição e transformação do documentário**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006 (1ª. Ed. 2004).

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto. **Sobre Jornalismo e homofobia ou: pensa que é fácil falar?** . Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Comunicação | E-Compós. Brasília, v.12, n.02, p. 1-15, maio-ago. 2009. ISSN 1808-2599.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 1ª Edição. Belo Horizonte, MG. Autêntica Editora UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

PARKER, Richard. **Cultura, economia política e construção social da sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade; Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 3º Edição. Belo Horizonte, MG. Autêntica Editora, 2010.

VAZ, Paulo Bernardo e ANTUNES, Elton. **Mídia, um aro, um halo, um elo**. In: FRANÇA, Vera e Guimarães, César. Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.43-60.